HAL
open science

INCLUSÃO NO ENSINO REMOTO

Nara Regina Schuquel Martins, Valdir Pretto

To cite this version:

Nara Regina Schuquel Martins, Valdir Pretto. INCLUSÃO NO ENSINO REMOTO. Olhares plurais: perspectivas multidisciplinares aos desafios atuais Coleção olhares plurais: perspectivas multidisciplinares aos desafios atuais. Vol. I - ISBN: 978-65-5869-322-2 [Impresso] 978-65-5869-326-0 [Digital], pp.189-203, 2021. hal-03439698

HAL Id: hal-03439698

https://hal.science/hal-03439698

Submitted on 22 Nov 2021

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

INCLUSÃO NO ENSINO REMOTO

Nara Regina Schuquel Martins
Universidade Franciscana – UFN
inarai227@yahoo.com.br

ValdirPretto
Universidade Franciscana – UFN
prettov@gmail.com

Considerações Iniciais

Este capítulo vem propor uma reflexão a respeito do papel da educação especial durante a pandemia, ocasionada pelo coronavírus, SARS-COV-2(COVID-19) e da realização de atividades práticas para que a inclusão continue acontecendo mesmo à distância. Na sequência, serão apresentados os resultados das mesmas, realizadas durante esse período pandêmico o qual toda a sociedade está passando. A protagonista deste contexto se chama[1]Maria, aluna com Síndrome de Down, que freqüenta o primeiro ano do Ensino Médio. Para finalizar propõe-se uma reflexão sobre o ensino e as possibilidades de aprendizagem para alunos especiais.

Referencial Teórico

As políticas públicas sobre a inclusão no Brasil estão em constantes transformações à medida que esse público realiza conquistas, também há algumas perdas significativas neste âmbito. É necessário que estejamos atentos a essas mudanças para podermos nos posicionar e reivindicar os direitos da pessoa com deficiência.

> A conquista desses direitos leva ao fortalecimento da sua identidade cultural e social, e isso perpassa a sala de aula. Estamos falando sobre concepções filosóficas, direitos humanos, qualidade de vida e, por conseguinte, tratando a educação como responsável por um ser que pensa e age. (MINETTO, 2008, p. 19).

Para que a inclusão não seja utopia, a formação continuada dos professores é imprescindível, pois, estes podem fazer toda a diferença na educação, principalmente no que diz respeito à inclusão.

Durante a pandemia, a educação especial deve ter um olhar diferenciado, para que alunos com deficiência continuem incluídos e para que isso aconteça, cabe ao professor buscar novas estratégias de ensino para que todos possam ser contemplados.

---

[1]Maria: nome fictício para proteger a real identidade da criança.

A inclusão é a capacidade que cada um possui de acolher, entender e reconhecer o outro, valorizando o privilégio de aprender com pessoas diferentes e desenvolver o sentimento de empatia.

A educação inclusiva necessita estar voltada para uma sociedade livre de preconceitos, para o pleno desenvolvimento das habilidades individuaise das diferenças. Neste contexto, todos poderão aprender lições impares sobre cidadania, respeito e cuidados com seus semelhantes, não só os alunos da educação especial.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) discorre sobre a inclusão, salientando a necessidade de incluir a todos, levando em conta as necessidades individuais e valorizando as possibilidades de aprendizagem de cada estudante.

Brasil (2017) salienta que a formação global do desenvolvimento humano deve ser premissa da Educação Básica, por meio da compreensão e do rompimento de barreiras reducionistas. A educação integral deve ter uma visão plural e singular dos estudantes, considerando-os como sujeitos da aprendizagem.

A escola como ambiente de aprendizagem, democracia e inclusão, deve revitalizar suas práticas pedagógicas livre de preconceitos, permeadas de respeito às diferenças e diversidades.

Ao falar em inclusão não podemos confundir com “integração”, onde o aluno freqüenta a sala de aula regular, mas a ele não são oferecidas oportunidades para que aprenda de acordo com suas necessidades. Neste caso a escola necessita estar atenta para que este não fique na sala apenas pintando, é necessário oferecer atividades diferenciadas, mas que contemplem os conteúdos que estão sendo trabalhados com os demais.

> A proposta da educação inclusiva se diferencia drasticamente da proposta integrativa no sentido de propor empenho bilateral, ou seja, da escola (como um todo) e do aluno com necessidades educacionais especiais (e de sua família). Ao mesmo tempo em que os pais devem colaborar e seu filho deve se esforçar, a escola deve se organizar e se estruturar para oferecer condições reais de aprendizagem e não só de socialização, implicando um remanejamento e uma reestruturação dos recursos e suporte psicoeducacional. (MINETTO, 2008, p.55).

A inclusão acontece quando todos fazem parte da escola, em que tanto estudantes quanto professores se sintam pertencentes a este espaço, independentemente de suas capacidades cognitivas, afetivas e emocionais. “A distinção entre integração e inclusão é um bom começo para esclarecermos o processo de transformação das escolas, de modo que possam acolher, indistintamente, todos os alunos, nos diferentes níveis de ensino”. (Mantoan, 2003, p. 17).

Escolas que têm compromisso com o processo de inclusão sabem perfeitamente seu papel e levam em conta as necessidades individuais de todos.

Para que o estudante se sinta incluído, é necessário que toda a comunidade escolar o acolha e que ele se esforce para estar inserido neste contexto, ou tudo não passará de mera integração.

A família ocupa papel importante no processo de inclusão, durante a pandemia, a família de Maria mostrou-se ativa na educação da filha, por meio de incentivo e auxílio no envio das devolutivas. Costa (2006) ao abordar a teoria de Vigotsky nos remete a importância de focar na capacidade e nas possibilidades de ensino e de aprendizagem.

> O olhar com o qual Vigotsky nos propõe examinar as possíveis limitações dessas crianças não é de complacência ou desânimo, mas, sim, o de uma visão dialética do real, que leve à constatação de que se existem problemas, existem também possibilidades. E os problemas podem ser uma fonte de crescimento. (COSTA, 2006, p. 233).

Valorizar o estudante em sua totalidade, sem dispensar tratamento discriminatório por causa da deficiência é fazê-lo se sentir parte do ambiente escolar e consequentemente incluído. Cabe ressaltar:

> Em 2009 o (AEE) Atendimento Educacional Especializado foi instituído pelas Diretrizes Operacionais do Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Essas diretrizes indicam que o suporte especializado deve ocorrer no contra turno de forma complementar aos alunos com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento, ou de forma suplementar para aqueles avaliados com altas habilidades/superdotação. (BRASIL, 2009, p. 1).

O AEE funciona nas escolas como um suporte pedagógico para auxiliar os estudantes com deficiência. Durante o período da quarentena o AEE teve que agir de modo que a inclusão continuasse ocorrendo mesmo à distância e zelar para que estes alunos continuassem motivados com as atividades escolares.

> E como engajá-los? Uma certeza nós temos, não é passando e corrigindo tarefas, usando uma plataforma como o Google Meet, por exemplo, que vamos motivar os nossos estudantes neste momento de confusão e incerteza. As atividades devem desafiar os alunos para que possa criar, se autorizar, participar e interagir com seus professores e pares, pensando e discutindo o momento que estão vivendo, escutando-os. (ALVES, 2020, p. 360).

Durante o ensino remoto foi necessário se reinventar para alcançar os objetivos de dar continuidade à inclusão, para isso, fez-se necessário a elaboração de atividades que despertassem o interesse dos estudantes, mas ao mesmo tempo utilizando os limitados recursos de que estes dispusessem em casa.

Mantoan (2003), diz que o atendimento especializado deve estar presente em todos os níveis de ensino. Pois, a escola regular é o ambiente mais indicado para a construção de relacionamentos entre os estudantes com e sem deficiência, garantindo o rompimento das barreiras que possam prejudicar o desenvolvimento cognitivo, social, motor, afetivo dos estudantes de modo geral.

O AEE desempenha papel fundamental na escola, para apoiar tanto os professores, quanto os alunos, com e sem deficiência.

> Temos o direito a sermos iguais quando a diferença nos inferioriza. Temos o direito a sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza. As pessoas querem ser iguais, mas querem respeitadas suas diferenças. Ou seja, querem participar, mas querem também que suas diferenças sejam reconhecidas e respeitadas. (SANTOS, 1995).

A inclusão tem papel fundamental para que as diferenças sejam respeitadas e ao mesmo tempo sejam levadas em conta as individualidades sem perder a noção do contexto no qual todos estão inseridos.

No caso de Maria, a família está presente em sua vida escolar, o que facilita bastante a aprendizagem e o desenvolvimento da mesma.

> Os pais são uma das peças centrais na educação dos filhos com SD (Síndrome de Down), pois são eles que conhecem melhor a criança, e é com eles que ela se sente mais segura. A participação da família no cotidiano escolar representa um ponto positivo para a inclusão dos filhos, que necessitam de incentivo e atenção para dar continuidade aos estudos. É importante que os pais mantenham diálogo com os profissionais da escola, auxiliem nas tarefas de casa e da instituição e incentivem os seus filhos. (SOUSA, 2017, p. 56).

Pessoas com síndrome de Down são perfeitamente capazes de realizar as tarefas em sala de aula, tudo vai depender dos estímulos que recebem em casa e da continuidade destes na escola. “Construir um currículo que atenda à pessoa com SD é levar em consideração a identidade e suas vivências cotidianas, potencializando o seu aprender”. (SOUZA, 2018, p. 125). A escola deve ter um olhar inclusivo para levar em conta as possibilidades de aprendizagem de cada aluno para que a inclusão realmente aconteça.

Para Pan (2008), a escola deve tornar-se um espaço inclusivo, cumprindo seu papel de caráter político, social e pedagógico para que o estudante se sinta incluído e não esperar que este se adapte.

A família precisa incluir a criança em casa para contribuir com a inclusão na escola, fazer com que ela se sinta parte do entorno familiar, contribuirá deveras para que seja incluída também no ambiente escolar.

> Mais que assumir uma posição em relação aos diferentes modelos de integração ou de inclusão radical defendemos e propomos a inclusão da alteridade, seja na família, seja no trabalho, seja na escola. Com isso buscamos assegurar não apenas visibilidade e tolerância, pois a tolerância encontra-se muito próxima da indiferença, sentimento próprio do mundo contemporâneo. (PAN, 2008, p. 198).

A inclusão de fato ocorrerá à medida que o ser humano for capaz de desenvolver os sentimentos de empatia e principalmente de respeito e reconhecimento das diferenças que tornam cada pessoa única.

Metodologia

A abordagem metodológica desta pesquisa é qualitativa, por tratar de questões que não podem ser quantificadas, mas que abordam o ensino e a aprendizagem de pessoas com deficiência. Neste caso específico trata-se de uma aluna com Síndrome de Down e o foco do AEE (Atendimento Educacional Especializado), para manter a motivação desta, mesmo no ensino a distância.

> A pesquisa qualitativa é realizada normalmente no local de origem dos fatos (objetos de estudo) e tem por objetivo demonstrar os resultados pelo sentido lógico/coerente que eles apresentam, ou seja, o sentido lógico que resulta do tratamento científico empenhado pelo pesquisador. Esse tipo de pesquisa possibilita investigar os fatos e compreendê-los no contexto em que eles ocorreram ou ocorrem, pois o pesquisador vai a campo para levantamento e coleta de dados, analisa-os e pode entender a dinâmica dos fatos. (PROETTI, 2004, p.7).

Ao abordar a pesquisa qualitativa, busca-se analisar os dados repassados pelos alunos para investigar a validade das atividades à distância e buscar inovação para que haja realmente a inclusão.

A metodologia de ensino utilizada nas atividades remotas são as metodologias ativas, em que o aluno participa da sua aprendizagem.

> É importante considerar as práticas sociais inerentes à cultura digital, marcadas pela participação, criação, invenção, abertura dos limites espaciais e temporais da sala de aula e dos espaços formais de educação, integrando distintos espaços de produção do saber, contextos e culturas, acontecimentos do cotidiano e conhecimentos de distintas naturezas. A exploração dessas características e marcas demanda reconsiderarem o currículo e as metodologias que colocam o aluno no centro do processo educativo e focam a aprendizagem ativa. (VALENTE, 2017, p. 458-459).

A pandemia nos convida a um momento de reflexão sobre as práticas pedagógicas e nos redireciona a olhar para um novo aluno, digital, humano, ativo e sedento por novos saberes, porém, de um modo diferente.

Contextualizando um Plano de Aula Inclusivo

No quadro a seguir, traremos as atividades, os objetivos e as competências da BNCC que serão desenvolvidas ao executar as atividades com Maria para manter o foco na inclusão e para motivá-la de forma eficaz a continuar seu processo de aprendizagem.

Quadro 1 – Atividades inclusivas realizadas durante a quarentena

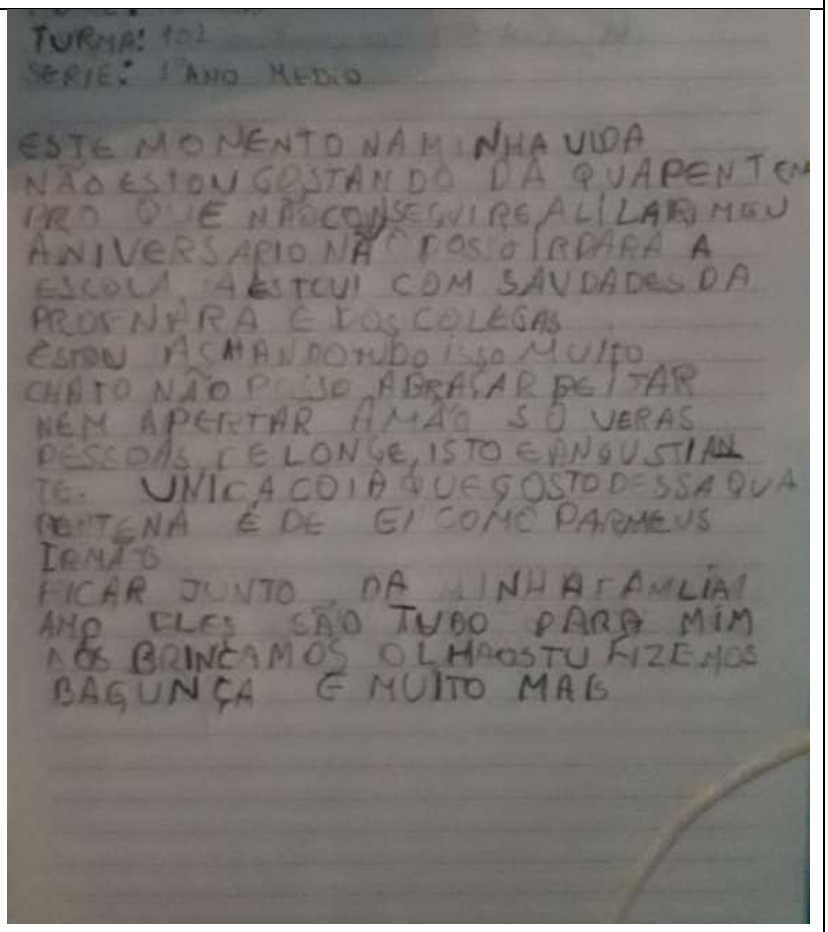
ATIVIDADES	OBJETIVOS	HABILIDADES DA BNCC
Valorização da Vida	Assistir palestra sobre a valorização da vida; Dialogar sobre a necessidade de isolamento neste período; Escrever sobre como está se sentindo neste período.	(EF15LP10) Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.
Bolo Online	Ler receita; Criar hipóteses sobre medidas da receita e dobro; Executar receita de bolo em aula síncrona; Oferecer o bolo aos familiares; Escrever como foi à experiência.	(EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.). (EF02LP23) Planejar e produzir, com certa autonomia, pequenos registros de observação de resultados de pesquisa, coerentes com um tema investigado.
Horta Inclusiva	Planejar a criação de uma horta; Preparar o solo para o plantio; Semear e plantar hortaliças; Dispensar cuidados necessários às plantas; Registrar e acompanhar o crescimento das plantas por meio de fotos; Ilustrar a experiência com a horta por meio de desenho, pintura; Escrever sobre a horta inclusiva.	(EF01MA17) Reconhecer e relacionar períodos do dia, dias da semana e meses do ano, utilizando calendário, quando necessário. (EF01MA18) Produzir a escrita de uma data, apresentando o dia, o mês e o ano, e indicar o dia da semana de uma data, consultando calendários. (EF02MA08) Resolver e elaborarproblemas envolvendo dobro, metade, triplo e terça parte, com o suporte de imagens ou material manipulável, utilizando

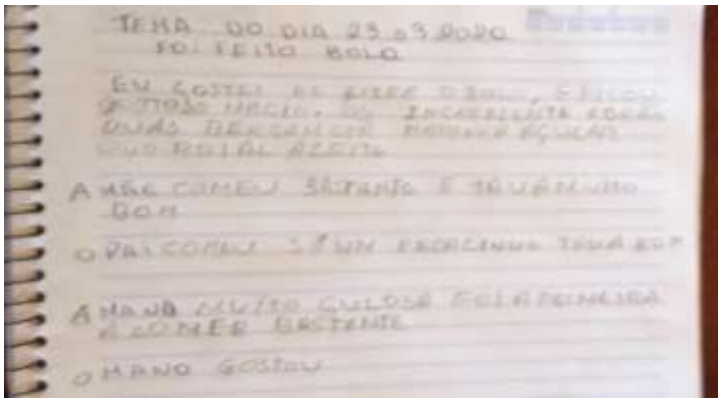
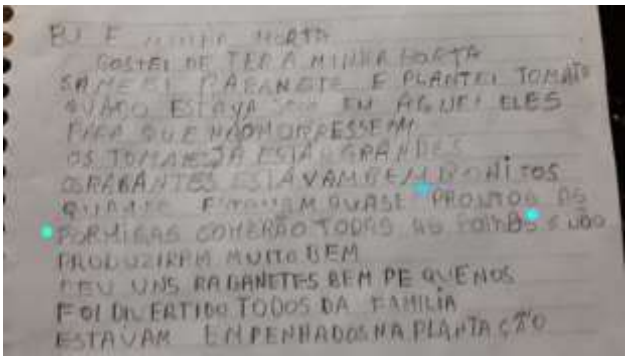
		estratégias pessoais. (EF69AR35) Identificar e manipular diferentes tecnologias e recursos digitais para acessar, apreciar, produzir, registrar e compartilhar práticas e repertórios artísticos, de modo reflexivo, ético e responsável.

As atividades realizadas foram na sua maioria práticas, mas sem deixar de lado a possibilidade de trabalhar a autonomia, as habilidades cognitivas e a motivação.

Maria tem 15 anos, mora num município pequeno do interior do Rio Grande do Sul, tem trissomia do cromossomo 21, está alfabetizada, freqüenta o 1º ano do Ensino Médio, é comunicativa, extrovertida e independente. “É importante salientar que a Síndrome de Down não é uma doença ou patologia, mas uma condição humana geneticamente determinada, um modo de estar no mundo que demonstra a diversidade humana”. (SUS, 2012, p. 2). A Síndrome de Down, não impede a criança de aprender, estas, só necessitam de um pouco mais de tempo para assimilar e fazer as atividades.

Quadro 2 Atividades desenvolvidas

Descrição das atividades	Resultados das atividades
1 - Valorização da Vida - Palestra online sobre a valorização da vida e como as pessoas estavam se sentindo durante a pandemia. Na aula síncrona a educadora especial discutiu com Maria sobre o tema da palestra e sugeriu que a mesma elaborasse um texto para ilustrar como estava se sentindo durante a quarentena.	 TURMA: 102 SERIE: 1 ANO MEDIO ESTE MOMENTO NA MINHA VIDA NÃO ESTOU GOSTANDO DA QUARENTENA PRO QUE NÃO CONSEGUIR REALIZAR MEU ANIVERSARIO NA POSSO IR PARA A ESCOLA, TA ESTOU COM SAUDADES DA PROFENARA E DOS COLEGAS ESTOU ACHANDO TUDO ISSO MUITO CHATO NÃO POSSO ABRAÇAR BEIJAR NEM APERTAR AMÃO SÓ VERAS PESSOAS PERTO, ISTO ESTA ANGUSTIA TE. UNICA COIA QUE GOSTO DESSA QUA RENTENA É DE EI COMO PARMEUS IRMÃS FICAR JUNTO DA MINHA FAMILIA AMO ELES SÃO TUDO PARA MIM A GENTE BRINCAMOS OLHA OSTU FIZEMOS BAGUNÇA E MUITO MAIS
2 - Bolo Online - Trabalhar a receita de bolo com a menina em aula síncrona, ambas fizeram um bolo de bergamota, os ingredientes necessários foram enviados previamente à família para ver a possibilidade de realizar a tarefa. A família fez a	

degustação do bolo e a aluna escreveu sobre a experiência.	
3 - Horta Inclusiva – Nesta atividade a estudante criou uma horta doméstica e para cuidar e acompanhar o crescimento das plantas.	

No resultado da tarefa 1 – Valorização da Vida - a estudante expressa seus sentimentos durante a pandemia. Maria fez 15 anos durante este período e lamentou muito não poder fazer uma festa, mas diz que: “Ano que vem farei uma festa, agora é importante que tenhamos saúde”.

Na tarefa 2 - Bolo Online – Após realização da receita foi trabalhado oralmente questões como quantidade dos ingredientes, dobro, para o caso de querer duplicar a receita e a facilidade ou não de encontrar os ingredientes. A estudante recebeu a tarefa de enviar fotos do bolo depois de assado, escrever sobre a experiência e o que os familiares acharam. A seguir a receita trabalhada durante a aula:

Bolo de Bergamota

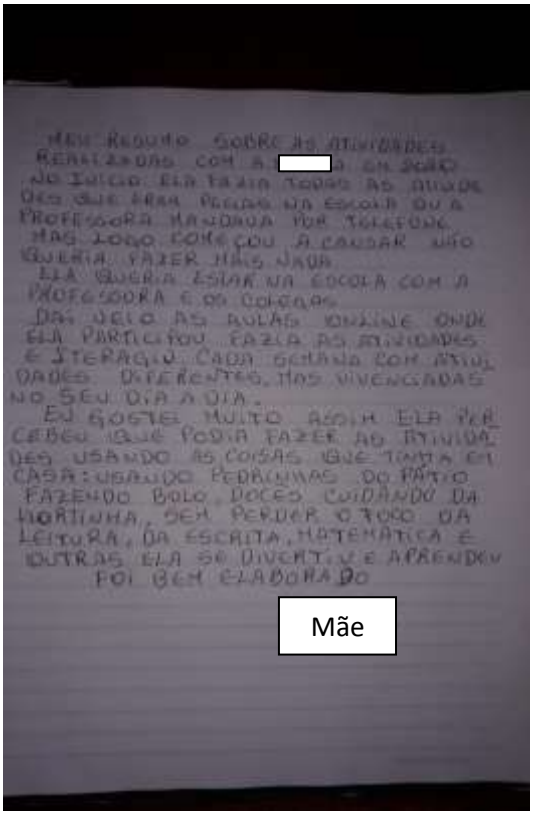
Ingredientes: duas bergamotas com bagaço, 1 xícara de açúcar, 4 ovos, 1 colher de sopa de fermento em pó e duas xícaras de farinha.

Procedimento: bater todos os ingredientes no liquidificador, exceto a farinha e o fermento em pó, despejar em uma bacia e acrescentar os dois ingredientes que faltam e mexer. Colocar em uma forma untada e levar ao forno para assar (com auxílio da família);

Na atividade 3 -Horta Inclusiva – A estudante observou o crescimento das plantas e enviou fotos para ilustrar suas constatações e os cuidados que dispensou à sua horta.

A seguir apresenta-se o *feedback* da mãe da estudante sobre as atividades realizadas durante a pandemia.

Feedback da mãe de Maria


MEU RELATO SOBRE AS ATIVIDADES
REALIZADAS COM A [redacted] EM 2020
NO INICIO ELA FAZIA TODAS AS ATIVIDA-
DES QUE ERAM PEDIDAS NA ESCOLA DA
PROFESSORA MANDADA POR TELEFONE.
MAS LOGO COMEÇOU A CANSAR NÃO
QUERIA FAZER MAIS NADA.
ELA QUERIA ESTAR NA ESCOLA COM A
PROFESSORA E OS COLEGAS.
DAI VEIO AS AULAS ONLINE ONDE
ELA PARTICIPOU FAZIA AS ATIVIDADES
E INTERAGIU. CADA SEMANA COM ATIVI-
DADES DIFERENTES, MAS VIVENCIADAS
NO SEU DIA A DIA.
EU GOSTEI MUITO ASSIM ELA PER-
CEBEU QUE PODIA FAZER AS ATIVIDA-
DES USANDO AS COISAS QUE TINHA EM
CASA: USANDO PEDRINHAS DO PÁTIO
FAZENDO BOLO, DOCES CUIDANDO DA
HORTINHA, SEM PERDER O FOCO DA
LEITURA, DA ESCRITA, MATEMÁTICA E
OUTRAS ELA SE DIVERTIU E APRENDEU
FOI BEM ELABORADO

Mãe

Fonte: foto enviada pela mãe da aluna

Conforme mencionado anteriormente, a família teve grande importância na realização das atividades propostas durante o ensino remoto, a escola não teria alcançado tanto êxito se estivesse sozinha.

Ao analisar os resultados dos trabalhos realizados com Maria, é possível verificar que se deu ênfase às possibilidades que a estudante tem de aprender, sem focar nas suas dificuldades, através de atividades simples e práticas.

O trabalho realizado no AEE (Atendimento Educacional Especializado), durante a pandemia, via ensino remoto, é a prova de que todos são capazes de aprender, basta desenvolver as atividades necessárias e usar os instrumentos viáveis. Deve-se levar em conta, principalmente neste momento, a importância da família no auxílio e incentivo durante a realização das atividades.

Considerações Finais

Ao realizar as atividades durante o período de isolamento, o objetivo principal foi manter a motivação da estudante através da realização de atividades práticas, pois, segundo a mãe, a mesma estava perdendo o foco nos estudos e demonstrando-se desmotivada e sem perspectivas.

Neste caso, salienta-se o importante papel do AEE (Atendimento Educacional Especializado), que além de ajudar na adequação das atividades escolares, realizar atendimento no turno inverso e promover a inclusão, tem o papel de primar pelo bem-estar das crianças com necessidades específicas.

> Trata-se de um processo recursivo e sistêmico: para que a aprendizagem ocorra há que se promoverem ações pedagógicas que impactem a condição subjetiva do aprendiz, podendo então, incidir no desenvolvimento e gerar novas possibilidades de aprender. Obviamente não estamos abordando aqui qualquer tipo de aprendizagem, mas a aprendizagem escolar, que, na sua complexidade constitutiva, a dimensão subjetiva ocupa um lugar central. (Gonzáles e Martínez, 2003, apud, Martínez e Tacca, 2011).

Ao analisar os resultados das atividades realizadas no AEE (Atendimento Educacional Especializado), observa-se que o processo recursivo utilizado foi de encontro com as necessidades da estudante, promovendo seu desenvolvimento e gerando novas formas de aprender.

Ao receber o *feedback* da mãe da estudante sobre as aulas em 2020 durante a pandemia, considera-se que os objetivos do AEE foram alcançados de forma satisfatória, mesmo à distância, fazendo uso das ferramentas tecnológicas, dando-nos a certeza que mesmo diante de todas as dificuldades enfrentadas por todos neste período, a inclusão é um processo viável, basta que haja união entre família e escola.

Referências

ALVES, L. **A educação remota: entre a ilusão e a realidade**. Interfaces Científicas. Aracaju. V.8. P. 348-365. Fluxo Contínuo. 2020.

BRASIL. **Diretrizes Operacionais para o Atendimento educacional especializado na Educação básica, modalidade Educação especial.** Resolução 4. Brasília. 2009.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília.**2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br / imagens/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 10 de jan. 2020.

COSTA, D. A. F. **Superando limites: a construção de Vigotsky para a Educação Especial.** Rev. Psicopedagogia, 2006.

MANTOAN, M. T. E. INCLUSÃO ESCOLAR. O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MARTÍNEZ, A.M. TACCA, M. C. V. R. **Possibilidades de Aprendizagem: ações pedagógicas para alunos com dificuldade e deficiência.** Campinas, SP: editora Alínea, 2011.

MATOS, S. B. SANTOS, L.C. PEREIRA. C. S. **SÍNDROME DE DOWN: avanços e perspectivas.**Rev. Saúde. Com. 3 (2); 77-86, 2007.

MINETTO, M. F. **Currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio.** – 2. Ed. rev. Ampl. – Curitiba: Ibpex, 2008.

PAN, M. A. G. de S**. O direito à diferença: uma reflexão sobre a deficiência intelectual e a educação inclusiva.** Curitiba: Ibpex, 2008.

PROETTI, S. As Pesquisas Qualitativa e Quantitativa como métodos de investigação científica: um estudo comparativo e objetivo. Cf. Como se faz uma tese. 19. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

SANTOS, B.S. **Entrevista com professor Boaventura de Souza Santos**. Disponível em http://www.dhi.vem.br/docentes/jurandir/jurandir-boaven1.htm,1995.

SOUSA, P. B. de. SÁ-LIMA, M. A. C. VALVERDE, C. Pedagog. Foco, Iturama (MG), v.12,n.8,p.44-60, jul/dez. 2017.

SUS, Consulta Pública. Manual de Atendimento da Saúde da Pessoa co Síndrome de Down. DAPES. 2012.

VALENTE, J. A. ALMEIDA, M. E. B. GERALDINI, A. F. S. **Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino**. Ver. Diálogo Educ, Curitiba, v.17, n.52, p. 455-478, abr./jun. 2017.